

CLARICE: A PAIXÃO DO REAL

De repente, se passaram dez anos — disse uma vez Clarice Lispector, glosando um achado de Fernando Sabino, no *Encontro marcado*. A força dessa expressão atordoa: o tempo é impermanência, movimento, vertigem. Se formos fiéis a ele, caminharemos sobre as águas, e não em terra firme. O tempo passa depressa porque nos distraímos de sua passagem, temerosos de perceber que somos *nós* que passamos. O presente, aqui e agora, é chão ilusório, cuja consistência se tece a partir do recalçamento de uma intuição que nos trespassa: a de que o tempo não cessa de temporalizar-se, isto é, de fluir como um rio sem sono.

O presente, nessa medida, tomba como fruta que cai e é arrastada pela torrente, e seu gosto mal nos chega ao lábio. Nos assentamos e nos servimos, no banquete da vida. Com isto, criamos a falsa certeza da fartura, da garantia, da ausência de risco. Em verdade, dez anos só se passam de repente porque, neste prazo, mantivemos os olhos fechados. Dez anos se passam em dez anos, sem mais, nem menos. A luz de tal evidência é tão forte que nos faz cegos — para que possamos não vê-la.

Clarice Lispector morreu há dez anos. Lembro-me de sua doença — e de seu enterro —, no cemitério de Vila Rosali. Abro os olhos e vejo: de repente, se passaram dez anos. Foi rápido e inesperado, como tudo o que se dá de repente. Não obstante, dez anos se passaram, segundo por segundo, diástoles e sístoles se sucedendo, dia e noite. Levo

a mão ao meu rosto. O mapa da pele envelheceu dez anos, sua orografia se diversificou e modificou, denunciada por desabamentos e rugas. Toco o tempo com os dedos, sua arca impalpável escorre entre eles, que também envelheceram.

Dez anos compõem um bordado de mil fios contraditórios. A marcha dos passos humanos tem um desenho que nem Deus sabe. Somos errância e impermanência, sempre. A marca de eternidade que há em nós tenta quebrar com sua robusta raiz o infinito paredão de pedra, que é a morte. Somos finitude — eis a nossa cruz. Ao mesmo tempo, somos deuses aliados, certos da realeza que nos é devida. O tempo é nosso destino — e nossa mortalha. Grimpamos o paredão de pedra, arrebetando as falanges, seguros de poder transpô-lo. “Morte, tua vitória onde está?” — Pergunta o apóstolo Paulo, em nome de nós todos.

Indago eu, dez anos depois do desaparecimento de Clarice: morte, tua vitória onde está? É certo que a amiga sumiu debaixo da terra, envolta num lençol branco, segundo o costume de seus antepassados. É certo também que não mais atende ao telefone, nem à campainha da porta do apartamento. Infinitamente apartada de tudo — e de todos —, é todavia invocada e lembrada como uma força de pensamento e afeição mais tenaz que a morte. É assim que se constrói, passo a passo, nossa vingança — e vitória — contra a indesejada das gentes.

A palavra de Clarice aí está, disseminada pelos espaços do mundo. Sua obra ultrapassou as fronteiras da língua portuguesa e começa a fazer parte da cultura universal. Ela gemeu e chorou, neste vale de lágrimas, para legar-nos um testemunho perene sobre o susto, a dor — e a glória — da condição humana. E assim vai sendo a morte abatida: através daquilo que transcende o tempo, chega-se a um território que prefigura — e antecipa — a eternidade. Para essa pátria, serenizada, se recolheu a autora de *A hora da estrela*.

Clarice Lispector foi um ser assinalado. Ao lembrar-me dela, tenho um sobressalto: sua existência concreta, como um pára-sol, cotidianizava a grandeza que a possuía, tornando-a

menos ofuscante. Agora, através do tempo e do silêncio, percebo a chama de que era feita, e o clarão desse fogo me queima a memória.

Volto a dizer: Clarice foi um ser assinalado, convocado a revelar o mistério que arde no coração das pessoas — e das coisas. À semelhança de Van Gogh, ela sabia, com a pele do corpo — e da alma —, que debaixo de tudo lavra um incêndio. E dedicou-se a anunciá-lo, através da linguagem. Nessa medida, o campo gravitacional criado por Clarice ultrapassa a dimensão literária, para tornar-se, também, depoimento filosófico, místico — e visionário.

Clarice Lispector era uma personalidade *lisérgica*. Para ela se abriam as portas da percepção, de modo a transformar-se o mundo num espetáculo de vertiginosa complexidade, profundidade — e vigor. Clarice *via* demais, e o sofrimento lhe brotava da crispação de suas retinas expostas às agulhas de luz que saltam do selvagem coração da vida.

Vidente e visionária, Clarice era fustigada — crucificada — pelo excesso de estímulos, conscientes e inconscientes, que tinha de domar. Nadadora exímia, manteve-se à tona através do seu gênio literário. É curioso verificar-se que uma das dificuldades de Clarice, enquanto romancista, é conformar-se com a diacronia do discurso, com o fluxo da narrativa que, para fluir, tem de deixar de lado tantas coisas — e tantas intuições.

Clarice era o contrário do espírito cartesiano, para o qual a linearidade das *naturezas simples* é o ideal do conhecimento. Ela se espantava, se admirava, perdia-se na inesgotável trama de estranhezas que compõem o real. Por essa razão, o conto terá sido o gênero literário que dominou com maior maestria. O conto implica uma crise — e uma lise — a curto prazo, e tal limite ajudou-a a disciplinar a plethora de intimidade com a inumerável riqueza de tudo o que existe.

A romancista de *A maçã no escuro* era um ser fremente, em estado usual de terremoto metafísico. A paixão que a ligava ao mundo fazia com que dele recebesse invocações e convocações para decifrá-lo, na raiz última do seu enigma. Clarice foi, mais do que tudo, uma personalidade religiosa, no sentido literal da palavra. Sabia do parentesco de tudo com

todas as coisas. O exílio humano, para ela, era a véspera do conhecimento de Deus, caminho áspero pelo qual se chega à intuição do cimento originário que liga — e religa — os elementos que compõem a tapeçaria cósmica.

E, mais do que tudo: Clarice Lispector era próxima do coração do real, fornalha ardente de cuja energia brotam as palavras fundadoras. O real é o chão de nossa experiência, fundamento a partir de cujo fragor garimpamos a palavra plena. O real é o impossível, diz Lacan. Ele é para ser dito, não para ser copulado ou possuído: intimidade insuportável. A ordem humana — ordem da cultura e do simbólico — comemora e rememora o real através da linguagem. Por termos perdido a placenta que uma vez nos ligou a ele, é que podemos dizê-lo.

A poesia é a fundação do ser pela palavra — define Heidegger. Esse salto do ser para o verbo, do indizível e impossível para o que urge ser proferido, constitui a vida, paixão, morte e ressurreição dos mestres da palavra. Clarice Lispector consumiu-se — e consumou-se — nessa tarefa. Exposta à radiação do real, no temor e no tremor, acercou-se perigosamente do magma em fusão para trazer até nós a certeza de que a vida vence a morte, e de que o esplendor do mundo acabará por afirmar-se através da aurora que — lentamente — construímos.

(02.12.87)